



A SUCESSORA

Manual do Professor

TÍTULO: *A sucessora*

GÊNERO LITERÁRIO: romance

CATEGORIA: 1º ao 3º ano do Ensino Médio

TEMA: Diálogos com a Sociologia e a Antropologia

AUTORA DESTE MANUAL DO PROFESSOR: Regina Braz
da Silva Santos Rocha

EDIÇÃO E REVISÃO: Saphyra Editorial

CAPA: Fabiana Yoshikawa

DIAGRAMAÇÃO: Estúdio Dito e Feito

APRESENTAÇÃO

Caras professoras, caros professores,

A obra de Carolina Nabuco (1890-1981) começa a ser resgatada pela crítica literária na atualidade, tornando-se objeto de estudo em pesquisas recentes. Trazer a reedição da obra *A sucessora*, nesse contexto, é participar da divulgação do trabalho dessa autora brasileira, uma entre muitas outras escritoras esquecidas e/ou pouco valorizadas pela historiografia literária.

A partir de obras como essa, ignoradas ou consideradas secundárias no plano cultural, fundamentou-se a ideia de que, até a primeira metade do século XX, as mulheres não produziram obras intelectuais ou literárias relevantes. A leitura de *A sucessora*, considerando seu contexto de produção, recepção e circulação, por si só, já desmente tal premissa.

No Ensino Médio, ao recomendar a leitura dessa obra, convido docentes e estudantes a participar dessa desconstrução, um verdadeiro resgate da *memória feminina* no contexto da literatura, considerando a mulher não somente como “personagem” de um dado momento sócio-histórico, mas também como a voz que produziu e produz literatura no Brasil.

O editor

PARTE I

AUTORA, OBRA E LEITORES

(RE)DESCOBRINDO CAROLINA NABUCO

Na cidade do Rio de Janeiro, a 9 de fevereiro de 1890, nasce Maria Carolina Nabuco de Araújo, filha de Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo, escritor e diplomata brasileiro, e de Evelina Torres Ribeiro Nabuco. De berço privilegiado, descendente de famílias imperiais, Carolina Nabuco, nome com o qual assinou suas obras, foi educada, em plena *Belle Époque*¹, na Europa e nos Estados Unidos, devido às constantes viagens do pai.

Com sólida formação linguística e literária, Carolina Nabuco sempre desejou escrever ficção, revelando, em seu livro de memórias *Oito décadas*, publicado em 1973, pela José Olympio, tentativas iniciais fracassadas de publicar alguns contos em jornais e revistas durante a adolescência. Contudo, em sua autobiografia, também nos confidencia a vocação pelas letras aliada à profunda admiração pelo pai, a quem promete dedicar-lhe uma biografia:

Minha vocação pelas letras apontou, apenas aprendi a ler e a escrever. Talvez ela tivesse nascido do exemplo do meu Pai, que eu naquele tempo via sempre com a pena

¹ Trata-se do período histórico entre 1871 (fim da Guerra Franco-Prussiana) e 1914 (início da Primeira Guerra Mundial) vivenciado especialmente na Europa, caracterizado pela intensa produção artística, literária e significativo desenvolvimento tecnológico.

à mão. Anunciei aos oitos anos que eu lhe escreveria a vida, como ele estava fazendo com a do pai², e um dito meu a esse respeito sobreviveu como anedota de família. (NABUCO, 1973, p. 213)

Desfazendo a piada familiar e cumprindo a promessa feita ao pai, Carolina Nabuco adentra oficialmente o universo da escrita com a produção de *A vida de Joaquim Nabuco*, biografia de seu genitor, publicada em 1928 pela Companhia Editora Nacional. Durante oito anos, a autora dedicou-se à memória do pai, um árduo trabalho que a levou à exaustão:

A biografia de meu Pai levou-me oito anos a escrever. Foi uma época de total dedicação. Sacrifiquei a este trabalho todos os meus interesses, deixando para ele todas as obrigações da amizade e toda a vida social. A glorificação do meu Pai absorveu totalmente aqueles meus oitos anos de mocidade. Ficaram mais compridos por ter eu interrompido o trabalho durante dois anos por motivo de doença, provocada pela imprudência desse trabalho excessivo. Precisei de um longo repouso para poder recuperar a saúde, tornar-me apta a recomeçar de novo. (NABUCO, 1973, p. 216)

Tal obra foi agraciada com o prêmio de erudição da Academia Brasileira de Letras em 1929. Após essa produção, Carolina concretizou o seu desejo de escrever ficção, publicando os romances *A sucessora*, em 1934, e *Chamas e cinza*, em 1947, pelo qual recebeu o prêmio de romance concedido pela Academia Brasileira de Letras, e a coletânea de contos *O ladrão de guarda-chuva e dez outras histórias*, em 1969.

Com criteriosa pesquisa, dedicou-se ainda à produção de outras duas biografias, *Santa Catarina de Sena: sua ação*

2 Em 1899, Joaquim Nabuco publicou *Um estadista do Império: Nabuco de Araújo: sua vida, suas opiniões, sua época*, a biografia de seu pai, José Tomás Nabuco de Araújo Filho, disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/179441>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

e seu ambiente e *A vida de Virgílio de Melo Franco*, publicadas em 1957 e 1962, respectivamente, além da produção de sua autobiografia, *Oito décadas*, mencionada anteriormente, com publicação em 1973.

Atuando também como crítica literária, escreveu *Retrato dos Estados Unidos à luz da sua literatura*, publicado em 1967, no qual Nabuco traça um panorama histórico da literatura norte-americana, destacando origens, tendências e movimentos literários, até o século XX, por meio da análise de expoentes como Edgar Allan Poe, Benjamin Franklin, Herman Melville, Emily Dickinson, Ezra Pound, William Faulkner, Elizabeth Bishop e muitos outros.

Em 1978, o *Prêmio Machado de Assis* lhe é conferido pelo conjunto da obra. Quatro anos depois, em agosto de 1981, Carolina Nabuco falece aos 91 anos. Na ocasião, alguns jornais destacaram, sobretudo, o fato de Carolina ser uma das primeiras mulheres a escrever no Brasil. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, dedicou à escritora a reportagem “Suavidade e franqueza conciliadas em toda a vida”, finalizada de modo sensível:

Carolina Nabuco não teve filhos, nem netos. Mas teve sobrinhos e sobrinhos-netos, “os nabuquinhos”, como dizia com ternura. Viveu para eles. Foi uma das primeiras mulheres brasileiras a ser escritora. E o foi plena e seriamente. (JORNAL DO BRASIL, 1981, capa)

Apesar de sua profícua produção e reconhecimento durante a vida, a obra da autora sofre relativo apagamento dos estudos literários no Brasil. Isso ocorre também com outras escritoras que antecedem a primeira metade do século XX, que, agora, começam a ser (re)descobertas pela crítica, por meio de pesquisas que visam, sobretudo, divulgar e estimular a leitura dessas vozes femininas.

Esse reencontro com a obra de Carolina Nabuco em pleno século XXI possibilita observar a situação da mulher na

sociedade e os caminhos por ela percorridos até conquistar sua identidade em um mundo patriarcal.

A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO BRASIL

A partir da década de 1970, o movimento feminista passou a integrar a crítica literária, trazendo como objeto de estudo a figura feminina e, sobretudo, a literatura de autoria feminina, que, de certa forma, foi silenciada no cânone literário vigente.

Independentemente das distintas conotações atuais direcionadas ao feminismo, a crítica literária feminista dialoga com questões sociológicas, antropológicas, históricas, com a finalidade de compreender a experiência da mulher enquanto leitora e escritora e de desconstruir discursos discriminatórios, com foco na representatividade feminina na literatura.

A crítica feminista vem demonstrando como o cânone literário, ou seja, o conjunto de obras consideradas representativas de uma literatura nacional ou universal, é constituído, em sua maioria, por autores homens, excluindo a mulher como produtora de literatura. Segundo a pesquisadora Lúcia Ozana Zolin (2005a), a partir do momento em que a crítica literária também passa ser realizada por mulheres, inicia-se um intenso resgate de produções literárias de autoria feminina que foram esquecidas pelo cânone ou que não receberam destaque em suas épocas.

Em busca de dar espaço a essas vozes, autoras estão sendo (re)descobertas, como é o caso de Carolina Nabuco. Nesse contexto, Zolin (2005a, 2005b), baseada na crítica feminista, organiza a trajetória da literatura de autoria feminina a partir de três fases:

1. **FASE FEMININA**, ligada à imitação e internalização dos valores morais e dos padrões vigentes: *Úrsula*

(1859), de Maria Firmina dos Reis; *A intrusa* (1908), de Júlia Lopes de Almeida; *A sucessora* (1934), de Carolina Nabuco.

2. **FASE FEMINISTA**, ligada ao protesto contra os valores e padrões vigentes e à defesa dos direitos das minorias: *Perto do coração selvagem* (1943), de Clarice Lispector; *A casa da paixão* (1972), de Nélida Piñon; *Diana caçadora* (1986), de Lya Luft, *Mulheres de Tijucopapo* (1987), de Marilene Felinto, entre outras.
3. **FASE FÊMEA OU MULHER**, ligada à autodescoberta e à busca de uma identidade própria: *A república dos sonhos* (1984), de Nélida Piñon; *Jóias de família* (1990), de Zulmira Ribeiro Tavares; *O homem da mão seca* (1994), de Adélia Prado; *O ponto cego* (1999), de Lya Luft, entre outras.

Tais fases não constituem categorias rígidas, sendo possível uma mesma escritora apresentar características dos três períodos. Para exemplificar o primeiro momento, talvez o menos divulgado no Brasil, o romance *Úrsula* (1859), da professora maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917), até o momento, é considerado a primeira narrativa de autoria feminina, na qual apresenta estilo tipicamente relacionado à estética romântica, tratando da disputa entre herói e vilão pela frágil donzela, que culmina com o fim trágico da protagonista.

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), em *A intrusa* (1908), constrói uma obra alicerçada em rígidos padrões patriarcais, trazendo a mulher como “rainha do lar”. Carolina Nabuco (1890-1981), em *A sucessora* (1934), nosso foco neste manual, aprofunda o ponto de vista psicológico em seu romance, sinalizando inicialmente certo rompimento com os valores vigentes, porém, há na obra um “retorno” ao contexto dominador com a resolução do conflito quando Marina, a protagonista, se descobre grávida. É como reprodutora e boa esposa que ela supera a “assombração” de Alice, a primeira esposa perfeita, porém estéril.

Essa primeira etapa é fundamental para compreender a trajetória da literatura de autoria feminina, pois, ao re-duplicar padrões éticos, estéticos, nota-se como essas autoras, mulheres, também estavam imersas em um contexto de dominação do qual, talvez, também não tivessem plena consciência. Clarice Lispector, seguida de outras autoras, rompe com esse estado de coisas colocando as relações de gênero como elemento das narrativas, o que abre espaço para dar voz à mulher e tornar visível a repressão sofrida por ela em diferentes práticas sociais.

Nesse contexto, na obra *A sucessora*, Nabuco faz um retrato da posição da mulher burguesa dentro da sociedade capitalista brasileira do início do século XX, apontando os tabus e tradicionalismos que construíam a identidade dessa mulher naquele momento. Por meio da personagem Marina, a figura feminina mostra-se inversa à adoção de uma identidade própria, sendo favorável à dominação masculina, embora se constitua inicialmente a partir de uma imagem não tão tradicional de mulher.

Ao casar-se com o “príncipe encantado”, Marina aborta sua condição intelectual e contestadora, ligeiramente apresentada no início da narrativa, desejando tornar-se a mulher perfeita para Roberto, mistificando como tal a figura de Alice, a falecida esposa. Disso decorrem suas ansiedades e dramas psicológicos, cunho introspectivo dado à narrativa, característica marcante em uma das vertentes da prosa modernista da década de 1930.

Embora *A sucessora* configure-se como uma história de amor com típico final feliz, o fato de Marina ser, inicialmente, uma mulher disposta a contrariar os papéis patriarcais dominantes já é uma forma narrativa revolucionária para a época, pela qual Nabuco procura projetar a voz feminina em um período no qual não havia ouvidos para ela. Isso pode encaminhar um trabalho que mobilize o estudante do Ensino Médio a resgatar tal contexto para refletir a atualidade.

A SUCESSORA: LEITORES DE ONTEM E DE HOJE

O romance *A sucessora* foi concebido inicialmente como conto, *O retrato da primeira esposa*, que, segundo Nabuco (1973, p. 217), “foi crescendo até virar um livro”. A obra atingiu grande sucesso editorial, recebendo várias reedições no Brasil, além de edições portuguesa, espanhola e italiana. Mais tarde, Manoel Carlos adaptou a narrativa para telenovela, exibida pela Rede Globo entre 1978 e 1979, no horário das 18 horas.

Parte do sucesso decorre também de grande polêmica envolvendo o romance *Rebeca*, da escritora britânica Daphne du Maurier, publicado em 1938, que seria um plágio da obra de Nabuco. Álvaro Lins, importante crítico literário, em coluna no *Correio da Manhã*, confirma tal situação, citando situações e diálogos semelhantes, o que leva o estudioso a afirmar que “*A sucessora* e *Rebeca* são duas obras tão semelhantes como não creio que se possam encontrar outras em toda a história da literatura” (LINS, 1941, p. 235).

Independentemente das polêmicas, *A sucessora* é considerada importante obra modernista, tendo a configuração do gênero literário relacionada ao romance de tensão interiorizada, que, segundo Bosi (2017, p. 419), traz um herói ou uma heroína que não se dispõe “a enfrentar a antinomia eu/mundo pela ação: evade-se, subjetivando o conflito”. Assim, no Ensino Médio, a obra em questão pode contribuir para ampliar a discussão em torno do gênero literário romance no contexto da literatura modernista brasileira.

Além disso, segundo Silva (2012), com clareza e precisão e foco narrativo em terceira pessoa, ao dar voz a uma protagonista feminina, o romance de Nabuco une a prosa intimista e psicológica à vertente regionalista, mostrando o processo de modernização pelo qual o Brasil passou na década de 1930. É exatamente nesse ponto que o romance de Carolina Nabuco se vincula ao tema *Diálogos com a Sociologia e a An-*

tropologia, permitindo-nos observar “diferentes estilos de vida nas cidades brasileiras” em épocas distintas, bem como as raízes históricas relacionadas ao papel social da mulher, culminando em uma reflexão sobre o que se tem denominado *empoderamento feminino* e sua historicidade.

Primeiramente, o diálogo sociológico e antropológico se constitui pela ambientação da narrativa. Como o romance se passa no início do século XX, mostra a transição da sociedade agrária para a urbano-industrial, sendo verdadeira fotografia do período, na qual o país tentava modernizar-se. Nesse contexto, emergem do texto diferentes estilos de vida e valores ideológicos vinculados a preconceitos de certa forma então “normatizados” à época, o que poderá mobilizar debates e discussões.

Por conta disso, a proposta metodológica de leitura literária apresentada neste manual, considerando os posicionamentos ideológicos vinculados, consiste em fazer uma reflexão contextualizada para, em seguida, colocá-la em diálogo com o presente, adequando-se ao perfil contestador do jovem do Ensino Médio.

Outro ponto de diálogo fundamental para a abordagem temática é a conquista feminista no que se refere à crítica literária, que passa a investigar/questionar a invisibilidade da literatura de autoria feminina ao longo dos séculos. Esse movimento traz para o plano político um assunto de ordem social e antropológica, já que pretende desconstruir o cânone literário vigente. O resgate dessa obra, portanto, ganha legitimidade por se configurar como uma tentativa de reconstruir a história das mulheres e de sua produção literária.

O leitor de hoje certamente lamentará o fato de a personagem inverter sua trajetória e se “adequar” ao universo opressor, já que Marina não ousa sair de sua condição de submissão. Isso pode, ainda, servir de questionamento: Como seria possível lutar, de fato, contra esse sistema à época? Talvez esse seja exatamente o ponto temático que Nabuco deixou transparecer.

PARTE II:

PERCURSO LITERÁRIO

As *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica* (DCN) de 2013, pressupondo à época a organização de uma base nacional comum, por meio de uma visão interdisciplinar, liga-se à ideia de que, no Ensino Médio, “a compreensão do real como totalidade exige que se conheçam as partes e as relações entre elas, o que nos leva a constituir seções tematizadas da realidade” (DCN, 2013, p. 161).

Com relação à leitura literária e formação do leitor crítico na escola, as *Orientações Curriculares do Ensino Médio* focam:

Estamos entendendo por experiência literária o contato efetivo com o texto. Só assim será possível experimentar a sensação de estranhamento que a elaboração peculiar do texto literário, pelo uso incomum de linguagem, consegue produzir no leitor, o qual, por sua vez, estimulado, contribui com sua própria visão de mundo para a fruição estética. A experiência construída a partir dessa troca de significados possibilita, pois, a ampliação de horizontes, o questionamento do já dado, o encontro da sensibilidade, a reflexão, enfim, um tipo de conhecimento diferente do científico, já que objetivamente não pode ser medido. O prazer estético é, então, compreendido aqui como conhecimento, participação, fruição. (BRASIL, 2006, p. 55)

A *Base Nacional Comum Curricular*³ (BNCC) do Ensino Médio referenda tais princípios e ratifica a importância do papel ativo dos jovens no diálogo com o texto literário:

Ao engajar-se mais criticamente, os jovens podem atualizar os sentidos das obras, possibilitando compartilhá-las em redes sociais, na escola e diálogos com colegas e amigos. Trata-se, portanto, além da apropriação para si, de desfrutar também dos modos de execução das obras, que ocorre com a ajuda de procedimentos de análise linguística e semiótica.

A prática da leitura literária, assim como de outras linguagens, deve ser capaz também de resgatar a historicidade dos textos: produção, circulação e recepção das obras literárias, em um entrecruzamento de diálogos (entre obras, leitores, tempos históricos) e em seus movimentos de manutenção da tradição e de ruptura, suas tensões entre códigos estéticos e seus modos de apreensão da realidade.

Espera-se que os leitores/fruidores possam também reconhecer na arte formas de crítica cultural e política, uma vez que toda obra expressa, inevitavelmente, uma visão de mundo e uma forma de conhecimento, por meio de sua construção estética. (BRASIL, 2018, p. 513)

Assim, a proposta sugerida neste manual tem como norteador não somente um movimento estético literário específico, mas também um diálogo entre autor e leitor na construção de sentidos a partir de uma experiência literária contextualizada e interdisciplinar. A participação do estudante se dará por meio de pesquisa, leituras individuais, leituras compartilhadas e apreciação estética fundamentada e reflexiva.

Diante disso, propõe-se uma leitura literária contextualizada com sua época, mobilizando uma articulação entre a

3 Neste manual, consideramos a versão da BNCC do Ensino Médio publicada em abril de 2018, com foco nos pontos em que o documento já referenda as proposições das DCN (2013) e OCEM (2006).

análise do gênero literário *romance* e o contexto de produção, recepção e circulação, temas e valores veiculados, que hoje podem ser retomados, reavaliados, reinterpretados por outra ótica social e histórica.

INÍCIO DA JORNADA

Antes da leitura, pode-se adotar, conforme propõem as DCN (2013), a pesquisa como princípio pedagógico inicial, buscando o protagonismo juvenil em uma metodologia mais ativa.

Essas novas exigências requerem um novo comportamento dos professores que devem deixar de ser transmissores de conhecimentos para serem mediadores, facilitadores da aquisição de conhecimentos; devem estimular a realização de pesquisas, a produção de conhecimentos e o trabalho em grupo. Essa transformação necessária pode ser traduzida pela adoção da pesquisa como princípio pedagógico. (BRASIL, 2013, p. 163)

Além disso, pode-se criar alguns *grupos de estudo* a partir de uma proposta interdisciplinar com História e Sociologia, por exemplo, com foco nas temáticas tratadas na obra, conforme se verá mais adiante.

Para as atividades pré-leitura, considera-se o que Solé (1998) aponta como motivação para a leitura, que envolve desde o estabelecimento de objetivos e até de desafios para o leitor, de modo que o estudante sinta que sua atuação pode ser eficaz, ativando os saberes prévios necessários e estabelecendo previsões que o auxiliarão na leitura do texto.

Como atividades prévias, pode-se sugerir o seguinte:

1. Solicitar uma pesquisa inicial sobre a biografia de Carolina Nabuco e o gênero *romance* na década de 1930. Além disso, de modo interdisciplinar, os estu-

dantes podem pesquisar o contexto da época, por meio de fotografias e outros documentos históricos que remetam ao início do século XX.

2. Discutir com a turma os resultados da pesquisa inicial, contextualizando aspectos e acrescentando informações quando se fizer necessário.
3. Solicitar à turma que levante hipóteses sobre o título da obra: o que ele permite antecipar? Também pode-se apresentar imagens da telenovela, pedindo aos estudantes que infiram a ambientação da narrativa.
4. Perguntar aos estudantes o que pensam a respeito da capa, da quarta-capa, do texto de apresentação e de outros elementos paratextuais. Com relação especificamente à capa, pode-se realizar a leitura coletiva do texto *Sobre a concepção da capa*, seguida da observação atenta das ilustrações, estimulando a inferência sobre as relações entre a moda e os aspectos históricos ligados ao feminino e ao espaço ocupado pela mulher na sociedade da década de 1930.
5. Promover, a partir da leitura e análise da capa e da sua concepção, uma rápida pesquisa sobre as influências das atrizes Greta Garbo (1905-1990) e Marlene Dietrich (1901-1992) para ampliar a contextualização da época em relação à valorização da moda. O tema da moda ainda poderá compor um trabalho pós-leitura e interdisciplinar, conforme será proposto adiante.
6. Retomar aspectos composicionais do gênero *romance*: enredo (situação inicial, conflito, desenvolvimento, clímax, desfecho), personagens, tempo e espaço, foco narrativo e tipos de discurso. Nos núcleos de estudo, por exemplo, cada grupo pode ficar responsável por compartilhar um desses aspectos após a leitura.

Após tais encaminhamentos, é importante solicitar uma leitura individual estabelecendo objetivos claros. Para isso, considera-se o que a BNCC (2018, p. 488) defende quanto à fruição:

A fruição, alimentada por critérios estéticos baseados em contrastes culturais e históricos, deve ser a base para uma maior compreensão dos efeitos de sentido, de apreciação e de emoção e empatia ou repulsão acarretados pelas obras e textos.

Será importante, por isso, propor objetivos orientadores que permitam o contraste entre culturas e épocas e despertem no leitor posicionamentos, reflexões positivas ou negativas, críticas, dúvidas etc. Por exemplo, o estudante pode ler para:

- anotar aspectos que despertem interesse, atenção ou dúvidas;
- identificar características psicológicas, físicas e morais dos personagens;
- reconstruir a trajetória espaço-temporal dos personagens principais;
- observar aspectos da narrativa relacionados ao foco do grupo de estudo.

HORA DE EMBARCAR

Durante a leitura, toma-se a competência 6 (BNCC, 2018, p. 488) como norteadora da proposta:

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

A partir disso, sugere-se organizar, após o prazo para a leitura integral da obra, uma *leitura compartilhada* em sala de aula, de modo que cada grupo de estudo possa ler excertos da narrativa, destacar o elemento composicional de foco e refletir sobre os objetivos estabelecidos, com a mediação do professor. Esse encaminhamento alinha-se à habilidade:

(EM13LP45) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica. (BRASIL, 2018, p. 515)

Solé (1998) esclarece que as tarefas de leitura compartilhada se referem a leituras de textos, no caso do romance, de excertos da narrativa, nas quais estudantes e professor leem, resumem, recapitulam, tiram dúvidas, retomam previsões, analisam recursos estilísticos, enfim, há variadas estratégias que podem ser propostas com a finalidade de construir sentido e, assim, compreender o texto.

Pensando nisso, pode-se retomar algumas hipóteses previamente levantadas pelos estudantes e analisar alguns recursos linguístico-discursivos apresentados, sobretudo, no que se refere à voz narrativa e aos tipos de discurso.

Perguntas podem ser direcionadas para a turma durante a leitura compartilhada de excertos. Por exemplo, questione a turma sobre por que o retrato de Alice faz dela uma personagem na trama, embora esteja morta. Discuta com eles que o retrato é a própria gênese da narrativa, lembrando que, no projeto inicial da autora, o conto se chamaria *O retrato da primeira esposa*. É exatamente a obsessão pelo retrato que desencadeia todo o drama psicológico de Marina.

Na parede central, com os olhos pretos e brilhantes dirigidos para a porta, com a mão levantada acolhedora-

mente, Alice, fazendo de dona de casa, parecia receber a sucessora como a uma hóspede passageira, e dizer ao marido: “Amo-te e quero-te feliz. Não receio a comparação”. (NABUCO, 2018, p. 12)

Na obra, o fato de Marina passar a viver na mansão dos Steen traz à tona uma dimensão da cultura patriarcal, a dominação masculina através do casamento, conforme a fala de Roberto em determinado momento anuncia: “Tu tens que ir. Tu não és livre, és casada” (NABUCO, 2018, p. 172).

Destaque para a turma que, embora Marina tenha sido educada para cumprir o papel esperado para a mulher no contexto da época, essa educação se deu em meio a livros, à cultura, e lhe faltaram precisamente conhecimentos sobre os deveres de esposa e dona de casa. Contudo, em seu novo meio social, a mulher considerada inteligente era aquela que agradava o marido e conhecia tecidos e roupas de grife. Não importava ter autores preferidos, mas sim ser prendada, algo que Marina desconhecia.

Pode-se perguntar à turma qual era o ideal de mulher na época, se essa cultura ainda persiste nos dias atuais e por quê. Faça-os descrever o tipo de educação que era ofertada às mulheres, localizando na obra excertos em que isso fique sugerido ou evidente para discutir como tal aspecto difere na contemporaneidade.

Reflita com os estudantes sobre como o apreço de Marina pelos livros passa a ser inibido, fazendo com que a protagonista assuma para si a vida de Alice, isto é, a vida da mulher ideal.

Alice, morta e aparentemente esquecida, tomara um lugar primacial na sua vida. A sensação da presença constante tornou-se para Marina tão verdadeira quanto qualquer das suas ocupações, das palavras que dizia, das ordens que dava em casa, dos compromissos sociais que aceitava e cumpria (NABUCO, 2018, p. 124).

Em que contextos atuais muitas mulheres tentam assumir outro padrão? Pode-se comparar essa situação com os ideais de beleza criados em nossa sociedade, por exemplo.

Além disso, é fundamental trabalhar a dicotomia urbano/rural, questionando a turma sobre a que espaço social Marina pertence e por que isso se opõe ao espaço de Roberto. Solicite a eles que busquem exemplos tais como:

— Eu também, Miguel! Eu também sou o velho Brasil. Você sabe como fui criada... Santa Rosa... Este meio em que vivo não é o meu. Eu ainda não o compreendo (NABUCO, 2018, p. 111).

Marina, que representa o velho Brasil, faz uma referência ao passado agrário do país; já Roberto, que representa o novo, traz o país que intenciona industrializar-se. Junto a isso, constrói-se uma personagem feminina que transita em espaço antagônicos – rural × urbano, casa materna × casa do marido –, que lhe causam incerteza, medo, angústia, construindo uma ambientação tensa ao longo da narrativa.

Nesse sentido, cabe perguntar à turma o que a maternidade representa no desfecho da obra. O bebê passa a ser o símbolo de um novo Brasil, que não nega as origens, mas que também é capaz de inovar-se, reinventar-se. Nesse sentido, questione os estudantes sobre como o deslocamento espacial de Marina pode se relacionar a essa perspectiva.

Na narrativa, a maternidade também pode ser vista como um ideal a ser vivido pela mulher, que também simboliza a cura das angústias e medos de Marina, ao mesmo tempo que harmoniza o casal para o final feliz. Com relação a esse aspecto, cabe realizar uma comparação com a atualidade, discutindo alguns valores ligados à maternidade na vida da mulher no contexto contemporâneo.

FINALIZANDO A TRAVESSIA

Na atividade pós-leitura, articulando-se às competências⁴ 1 e 3, a habilidade de foco é:

(EM13LP53) Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico –, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, *fanfics*, *fanclipes* etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário. (BRASIL, 2018, p. 516)

Considerando tais aspectos, para finalizar a leitura, sugere-se a proposição de um processo criativo e colaborativo de produção textual, no qual cada grupo deverá propor uma releitura da obra, dialogando com os dias atuais. Os estudantes podem integrar diferentes artes, construindo vídeos, painéis fotográficos, performances, diferentes tipos de paródia etc. O objetivo é que eles imaginem a protagonista em outros contextos, construindo diferentes Marinhas para demonstrar, pela produção textual, seus posicionamentos, sua apreciação estética diante dos temas analisados, estabelecendo um diálogo responsivo e responsável com a obra literária.

Nesse percurso, uma possibilidade é promover uma pesquisa interdisciplinar com Artes e História sobre a moda de cada década. Cada grupo pode reconstruir uma Marina representativa de cada momento, considerando o reflexo de suas roupas e aparência na configuração do perfil feminino e do papel social da mulher ao longo da história.

4 COMPETÊNCIA 1: Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo. (BNCC, 2018, p. 483)

COMPETÊNCIA 3: Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global. (BNCC, 2018, p. 485)

PARTE III: ESTRATÉGIAS INTERDISCIPLINARES

Esta proposta permite um trabalho pedagógico interdisciplinar pelo qual se pode discutir questões que remetam a temas sociológicos e antropológicos, como estilos de vida distintos em cidades brasileiras, considerando diferentes tempos e espaços históricos, bem como a questão do papel social feminino ao longo do tempo. Nesse sentido, as DCN (2013) propõem:

O conhecimento de uma seção da realidade concreta ou a realidade concreta tematizada constitui os campos da ciência, que são as disciplinas científicas. Conhecimentos assim produzidos e legitimados socialmente ao longo da história são resultados de um processo empreendido pela humanidade na busca da compreensão e transformação dos fenômenos naturais e sociais. (BRASIL, 2013, p. 162)

O diálogo entre o presente e o passado retratado na obra colocará os jovens leitores da atualidade em contato com a visão enraizada em outro contexto sócio-histórico, o que possibilita avaliar de modo crítico, por meio das mudanças de tempo-espaço, os avanços no que se refere ao posicionamento da mulher e a outros valores que constituíram a sociedade brasileira e que, em muitas situações do presente, ainda ecoam na vida social.

As disciplinas História, Geografia e Artes podem integrar um projeto interdisciplinar com Língua Portuguesa, no qual, por exemplo, o espaço narrativo pode ser reconstruído historicamente por meio de fotografias da época. Para isso, os estudantes podem pesquisar fotografias e ilustrações que representem o período em questão, a moda, o espaço urbano e o espaço rural. Tais documentos podem ser comparados com imagens atuais, vinculando-se a discussões que visam identificar as tradições mantidas de modo positivo e negativo na constituição do espaço geográfico, bem como observar as inovações propostas, adequadas ou não, refletindo sobre como isso afeta os indivíduos.

Por meio da pesquisa e de núcleos de estudo, dialogando com a temática da obra, além das questões relacionadas ao papel da mulher, pode-se retomar a metáfora do novo Brasil na figura do bebê para discutir que Brasil sucedeu ao período histórico representado na obra.

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Ensino Médio. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2018.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília: MEC/SEB, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 23 abr. 2018.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.
- LINS, A. Rebeca, um plágio. In: *Jornal de crítica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.
- NABUCO, C. *A sucessora*. São Paulo: Instante, 2018.
- _____. *Oito décadas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- _____. Do espaço (e) da mulher em *A sucessora*, de Carolina Nabuco. *Revista Graphos*, v. 14, n. 2, p. 91-106, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/13724/8988>>. Acesso em: 25 abr. 2018.
- SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- ZOLIN, L. O. Crítica feminista. In: BONICCI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. revista e compilada. Maringá: Eduem, 2005a.
- _____. Literatura de autoria feminina. In: BONICCI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. revista e compilada. Maringá: Eduem, 2005b.

